

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTÓNIO VAZ

Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA - MELGAÇO

Director e Administrador: JÚLIO HILÁRIO VAZ

AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 40\$00 - Estrangeiro 80\$00

ANO XXIV - N.º 450 - Melgaço, 1 de Junho de 1970

Tip. Augusto Costa & C.ª, Lda - Telef. 22455 - Braga

ANIVERSÁRIO DE

"A Voz de Melgaço,"

Entramos hoje no 24.º aniversário da publicação deste quinzenário.

Breve faremos, querendo Deus, as Bodas de Prata.

Sendo problema número um da imprensa informar os leitores da verdade dos factos, verificamos, felizmente, que, desde a primeira hora temos sido fiéis ao dever primordial que respeita aos meios de comunicação social. E o serviço da verdade tem-se acompanhado com melhorias na feitura e apresentação do jornal. Desta forma também honramos a terra, pois que a sua imprensa reflecte o nível cultural e cívico dos seus habitantes.

Como a existência e progresso do jornal só seriam possíveis com os assinantes e anunciantes, com os colaboradores e amigos, aqui estamos a render-lhes a nossa homenagem, neste dia de aniversário.

O Santo da Quinzena

S.ta Clotilde, Rainha

Apesar de ser filha dos reis de Borgonha, teve uma infância muito triste. Gundobaldo seu tio, obcecado pela ambição, assassinou os pais de Clotilde, dois dos irmãos, enclausurou a irmã mais velha num convento e levou consigo Clotilde, menina de extraordinária beleza. Embora vivesse num ambiente todo ariano, Clotilde teve a felicidade de receber uma mestra católica, que a educou na religião verdadeira. Quando sentia aversão ao pensar no assassino dos pais, rezava e se

(Continua na 6.ª pág.)

UM GRANDE ARTISTA DE MELGAÇO!

APRESENTANDO

Filipe de Freitas

«A VOZ DE MELGAÇO», tem o prazer de apresentar hoje aos seus leitores, o jovem FADISTA FILIPE DE FREITAS.

Quem é Filipe de Freitas? Os nossos amigos e estimados assinantes tem pois a oportunidade de tomar conhecimento através do nosso jornal, de um artista da Rádio, nosso Conterrâneo.

Assim vamos com ele travar um diálogo, aproveitando uma sua curta estadia em Melgaço.

Perguntamos: — Qual o seu verdadeiro nome, de onde é natural e qual a sua idade?

Resposta: — O meu verdadeiro nome é: Manuel José de Freitas Rodrigues. Pertença à freguesia de Paderne, tendo nascido num pequeno lugar chamado Souto, próximo das maravilhosas termas do Pêso. Nasci a 11 de Julho de 1940.

P. — Há quanto tempo é que canta?

R. — Há precisamente 4 anos. Estreiei-me ao público em 3 de Abril de 1966, em Sesimbra.

P. — Ora, cantando já há 4 anos, e sabendo nós que tem dois discos gravados, porque é que só agora se deu a conhecer aos seus Conterrâneos?

R. — A razão dessa minha atitude é simples: quando gravei o primeiro disco, não sabia até onde poderia chegar, ou até se me seria possível prosseguir nesta carreira difícil, mas interessante que é a vida artística. Hoje porém, esse sonho que há muito acalentava é uma consoladora realidade, senti-me na obrigação de me dar a conhecer aos meus Conterrâneos e amigos, já que graças a DEUS, tantos possuo na minha adorada Terra.

P. — Agora que o Filipe de Freitas se deu a conhecer ao Povo de nossa Terra, o que é que dele espera?

R. — Bem, aquilo que eu espero é que os meus amigos, e de uma maneira geral os meus Conterrâneos, ajudem um seu representante da Terra a erguer o seu nome através da rádio, e se possível, comprando os seus discos, enfim, fazendo com que o seu nome se torne conhecido, pois no fim isso vem contribuir também para que o meu adorador Melgaço seja ainda mais conhecido, já que eu, em todas as entrevistas que tenho dado, quer na rádio, quer nos jornais e revistas, ponho sempre o meu Minho em primeiro lugar. Aliás, eu estou convencido de que os meus Conterrâneos não deixarão

(Continua na 6.ª pág.)



“O RITO BRACARENSE,”

de A. LUÍS VAZ

O nosso conterrâneo, cónego António Luís Vaz, escritor e jornalista, publicou em meados de Maio, do ano corrente, o seu 13.º livro, que se intitula «O Rito Bracarense».

É um estudo histórico, que aborda três problemas fundamentais: doutrina da Santa Sé sobre Liturgia; estudo histórico do rito bracarense; que se deve fazer para que o rito bracarense seja reformado e actualizado de harmonia com as orientações da Santa Sé.

«O Rito Bracarense» é ainda uma afirmação clara e objectiva da posição do Autor em relação a um conflito que surgiu em fins de 1969 e princípios de 1970.

São do Editor estas palavras: «Com o trabalho «O Rito Bracarense» agora oferecido à publicidade, o Cónego A. Luís Vaz evidencia: excepcionais qualidades de labor e o seu culto e vasto saber; o amor ao estudo e respeito por si próprio; o caminho e a veneração que a Verdade lhe merece; fé em Deus e obediência a uma consciência íntegra».

Por Santa Rita

- Uma grande festa!
- 52 000\$00!
- Muitos romeiros de longe
- 5 padres da mesma família

Nos dias 17 e 18 do passado mês, teve lugar a festa em honra de Santa Rita. A novena já nos trouxera gente de perto e de longe, mas os dias da festa, admiráveis de sol, como há anos se não via, trouxeram-nos muita gente. E tanta, que na procissão, lá no topo da estrada, estavam os dianteiros a dar a volta junto à cruz e ainda os romeiros últimos não tinham chegado à estrada.

Foi grande o respeito. E tudo correu pela melhor ordem. Celebrou a santa Missa o sr. Cónego Luís Vaz e pregou o rev. Júlio Vaz.

Apurou-se a receita de esc. 52 000\$00 que vieram em boa maré, a fim de se pagarem as despesas que já estavam muito elevadas. Mas uma festa hoje custa caro. Só a banda, que muito agradou, levou-nos pelos dois dias 11 000\$00, sem mais despesas. Foi a Banda dos Arcos de Valdevez, de que o povo gostou muito.

O alti-falante foi da Casa Vicente Coelho que também fez agrado.

O fogo, da Casa Manuel Correia da Costa, de Moreira, e de que é representante o nosso amigo, sr. Reinales, agradou muito, sobretudo o da noite.

Pois vai agora continuar a trabalhar-se e os artistas lá andam, a ver se logo se termina a nova casa que no ano passado se construiu, junto à outra.

Preparou os andores o sr. Daniel de Pias, que mais uma vez teve muito gosto.

(Continua na 6.ª pág.)

PROBLEMAS DA LAVOURA MINHOTA

— Intervenção do Deputado António Laercia

(Continuação do número anterior)

O problema do vinho e a legislação existente

A legislação actual com o sentido que estabelece em relação a esta Região Demarcada e as disposições sobre plantio de vinho, permitindo durante largo tempo plantações e retanchoas livres nas bordaduras dos campos, mantiveram a forma tradicional ao Entre Douro e Minho, das uveiras, ramadas e bardos altos, da pequena e pequenís-

sima folha de cultura, da exploração minifundiária onde a máquina é dificilmente utilizável. A lei estabeleceu condicionalismos que o agricultor foi forçado a cumprir e cumpriu.

Há cerca de uma quinzena de anos, perante a evolução técnica que se vinha processando mais ou menos por toda a parte e com o conhecimento da experiência americana no que dizia respeito à cultura do milho, alguns técnicos alarmados com a impossibilidade de competir em condições razoáveis, começaram a encarar novas perspectivas para o Entre Douro e Minho.

A vinha, património fundamental de valor cimeiro na Região teria que deixar o lugar tradicional nas bordaduras dos campos, mantendo embora a sua forma peculiar, mas actualizada e tomando uma posição racional, agrupada, dentro da exploração agrícola, ou de grupos de explorações.

A ideia, tão revolucionária parecia, nem sempre foi bem recebida, mas pela primeira vez, concretamente, tivemos ensejo de a apresentar oficialmente à consideração do Governo numa reunião do Conselho Regional da Agricultura do Minho a que então presidia em Julho de 1960 e posteriormente no Conselho Regional do Porto.

É sempre que pude, sem dar impressão que era uma ideia fixa, ia falando no assunto, dizendo que, de um dia para

(Continua na 6.ª pág.)

Resolvido o problema das águas de Chaviães

Está solucionado o caso das águas em Chaviães, assunto de que muito se tem falado e escrito.

Os consortes cederam água, apenas, para 8 fontenários e dois bebedouros da Escola, exigindo, no entanto, um documento da Câmara, para a cedência, documento que contém as condições postas pelos consortes e que foram aceites pela Câmara.

A feliz solução deste caso deve-se ao tacto diplomático do Sr. Presidente da Câmara, prof. Manuel José Rodrigues, ao seu prestígio pessoal e bom senso, ajudado pela óptima e prudente colaboração do sr. Capitão Maia, que comandava a força destacada para a ligação obrigatória da água.

Várias Notícias da Vila

Aniversários — No passado dia 18, festejou o seu aniversário natalício, o nosso amigo e conterrâneo, sr. António Baltazar da Rocha.

Ao nosso amigo, desejamos que esta data se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

— No próximo dia 10 de Junho, festeja o seu aniversário natalício, a sr.^a D. Luísa Maria Domingues da Rocha, esposa do nosso estimado assinante, sr. Fernando da Rocha (Motorista).

Por tal motivo, desejamos à aniversariante, longa vida e os nossos parabéns.

— No dia 22, P. P. fez anos o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Alberto Rodrigues Rego, funcionário da Repartição de Finanças desta vila.

Por tal motivo felicitamos o aniversariante, desejando-lhe que esta data se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

Circo Lusitano — Esteve nesta vila, durante alguns dias, onde realizou uma série de espectáculos o «Circo Lusitano» propriedade do sr. Abraão Mdesto.

Esta companhia que pela segunda vez visita a nossa terra apresentava muitos artistas sendo parte deles de fama internacional, como sejam a incomparável parêlha de palhaços parodistas e musicais «Abraão e Tony», o ilusionista «Grande ZENY», as irmãs Dolores (Malabaristas) e a trapezista «Senhorita Kinita».

Ao seu proprietário agradecemos a gentileza de nos ter oferecido um livre trânsito e ao mesmo tempo também a sua visita à nossa vila.

N. R. — Nesta companhia além dos muitos artistas que apresentou destacamos o excelente palhaço «TONY» nas suas boas qualidades de parodista e musical e ainda um arrojado número «Homem-Fogo» não esquecendo também o categorizado ilusionista internacional «Grande ZENY», e as jovens, cançonetista «Alcidinha» e a acordeonista «Dolores».

A todos os nossos aplausos.

D. Umbelina Rego Lourenço — Após ter sido submetida a uma melindrosa intervenção cirúrgica, encontra-se em convalescência na sua residência do lugar de S. Gregório — Cristóval a nossa conterrânea, sr.^a D. Umbelina Rego Lourenço, esposa do nosso amigo, sr. João Lourenço.

A ilustre enferma, desejamos pronto restabelecimento.

José Vilas — Em viagem pelo Norte do País, passou por esta vila, onde visitou a sua família e amigos, o nosso conterrâneo, sr. José Vilas, Agente Comercial, residente em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Dr. Alberto Domingues — De visita à sua família, esteve nesta vila, vindo da cidade do Porto, o nosso ilustre conterrâneo, sr. Dr. Alberto Domingues.

Os nossos cumprimentos.

D. Emília Viana da Mota — Acompanhada de sua filha, menina Cláudia Maria Viana da Mota e de sua prima, menina Maria de Jesus Borges da Silva, esteve nesta vila, durante alguns dias, de visita à sua família, a sr.^a D. Emília Viana da Mota, dedicada esposa do nosso conterrâneo, sr. José Salvador da Mota, Linotipista do nosso prezado colega de Imprensa «O Comércio de Luanda» e da Revista «Notícia» daquela cidade ultramarina, e que durante doze anos, exerceu as mesmas funções na Empresa de «O Primeiro de Janeiro» da cidade do Porto.

A todos os nossos cumprimentos.

José Augusto da Cunha Esteves — De visita à sua família, tivemos o prazer de ver entre nós, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. José Augusto da Cunha Esteves, funcionário de Repartição de Finanças em Vila Nova de Fafe.

Os nossos cumprimentos.

Dr. Cândido da Rocha e Sá — Acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa, sr.^a D. Rosa Machado da Rocha e Sá, tivemos o prazer de ver nesta vila, o distinto médico, sr. Dr. Cândido da Rocha e Sá, muito digno Delegado de Saúde Distrital.

Ao ilustre visitante, que nesta vila, já exerceu o cargo de Sub-Delegado de Saúde, durante muitos anos e a sua Ex.^{ma} Esposa, apresentamos os nossos cumprimentos.

Augusto Cândido Gonçalves — De visita à sua família, esteve entre nós, o nosso conterrâneo, sr. Augusto Cândido Gonçalves, residente em França.

Ao nosso amigo, que já partiu para aquele país, e que teve a gentileza de oferecer um fino beberete no «Café Estrela» desta vila, a vários seus amigos, desejamos-lhe que tivesse feito boa viagem, augurando-lhe as maiores felicidades.

Vindo da França — Encontra-se nesta vila, de visita à sua família, vindo de França, o nosso amigo e conterrâneo, sr. Valdemar de Castro Cerqueira.

Os nossos cumprimentos.

D. Maria Fernanda Pereira Pires — Para junto de seu marido, sr. José Pires, partiu há dias, por via aérea, para a cidade de Toronto (Canadá) a nossa conterrânea, sr.^a D. Maria Fernanda Pereira Pires.

Desejamos que tivesse feito boa viagem.

Germano Henrique Alves Carabel — Após ter passado um mês de visita à sua família, nesta vila, partiu por via aérea, para a cidade de NITERÓI (Brasil) o nosso ilustre conterrâneo, sr. Germano Henrique Alves Carabel, Agente Comercial naquela cidade.

Ao nosso amigo, que por todos foi muito estimado, desejamos que tivesse boa viagem.

Manuel de Castro — Tivemos o prazer de ver nesta vila, de visita aos seus familiares, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Manuel de Castro, escriturário de 1.^a Classe do Tribunal de Trabalho na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

Banda de Música — No passado dia 17, de passagem por esta vila, a caminho do Mosteiro de Santa Rita, freguesia de Rouças, deste concelho, numa cativante gentileza, a excelente e consagrada Banda de Música dos Arcos de Val-

Banco Fernandes Magalhães



SÍMBOLO DE SEGURANÇA E EXPERIÊNCIA
SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

devez, executando uma linda marcha, percorreu as ruas desta vila, para cumprimentar o povo e autoridades da terra, dirigindo-se aos Paços do Concelho.

É seu regente o competantíssimo, sr. António Amorim, que está à frente daquela Banda, e, que é largamente conhecido nos meios artísticos e ao mesmo tempo tem conquistado, para aquele agrupamento musical, muitos triunfos, em diversos certames.

Obrigado pela gentileza.

N. R. — Informamos, que fazem parte da dita Banda de Música, os nossos conterrâneos «OS FERREIRAS».

Sociedade

Aniversários

Fazem anos: hoje, D. Ermelinda Fernandes de Faro e Rocha, e Agostinho Alves; no dia 4, José Augusto Ribeiro; no dia 5, o rev. padre Justino Domingues e Cláudio da Rocha; no dia 9, D. Rosa Rodrigues Gomes Domingues e Alberto José de Caldas; no dia 10, D. Carolina Augusta Gonçalves de Carvalho e Luis Henrique das Neves Pinheiro; no dia 12, Rosa de Lurdes Caldas; no dia 13, a menina Julieta da Conceição Neves; no dia 14, António Fernandes (Penso) e Lindoso Solheiro de Oliveira; no dia 15, o eng.^o Edgar Tito Pinto Ribeiro.

Foto CALDAS

TELEFONE, 42220
MELGAÇO

EXECUTA todo o trabalho em Fotografias e vende todos os materiais para as mesmas.

Reportagens para Casamentos, Baptizados, Comunhões, Aniversários, etc.

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO SOLICITADOR

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Assine

Anuncie e Divulgue

«A Voz de Melgaço»

Dr. Luís Domingues CLINICA MÉDICA

Rua Formosa, 253-2.^o Dt.^o
Tel. 29415 PORTO

Dr. Oliveiros Rodrigues ADOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Fábrica de FOGOS DE ARTIFÍCIO

DE

Manuel Correia Gomes da Costa

Descendente da antiga firma de Alberto Gomes da Costa & Filhos, de Ponte da Barca

MOREIRA — TELEF. 56137

MONÇÃO

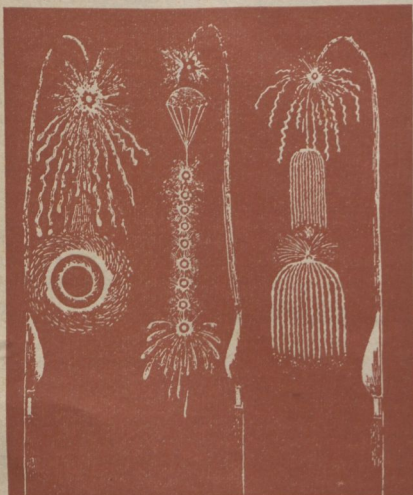
Falar ao próprio ou ao Sr. António Reinaldes, em Melgaço

Vinho do Porto BARROS

De todos o mais saboroso De todos o mais preferido



Lágrima Christi BARROS em França o mais apreciado



Postal dos Açores

Por Henrique Manuel Alves

Gratos pelas referências feitas neste jornal à minha humilde pessoa, procurarei dar também razão de mim com estas modestas palavras, que são ao mesmo tempo a expressão verdadeira e sincera de quem se deixa encantar pelas belezas desta formosa pátria açoreana onde me encontro.

Confesso que sinto saudades da minha família e da minha terra, mas posso afirmar que me sinto satisfeito, por viver neste pequeno rincão açoreano que se orgulha de tradições honrosas.

A Ilha Terceira, vicejante e pampinosa; tranqüila e saudosa; um dos mais nobres padrões da glória portuguesa, no dizer de Almeida Garret que aqui viveu, na companhia de seu tio, então bispo de Angra, dos Açores, não é mais do que um baluarte onde sempre flutuou a Bandeira das Quinas, mesmo quando as hostes castelhanas invadiram a terra lusa. Pois posso também afirmar, em coro com os terceirenses, que Portugal já foi só aqui.

Aqui foi coroado rei D. António Prior do Crato; aqui fundou a Casa da Moeda; aqui foram derrotados os espanhóis, com auxílio de gado bravo, na célebre batalha da Salga; aqui lutaram D. Pedro IV e seu irmão D. Miguel por uma causa política; aqui esteve exilado o rei D. Afonso VI; para aqui veio o autor da revolução do 28 de Maio, o Marechal Gomes da Costa, etc., etc.

O passado histórico desta ilha continua a ser o orgulho dos terceirenses, que jamais deixaram de viver em inconfundível patriotismo que tem imolado muitas vidas no altar da Pátria.

Pouco sei do passado histórico dos Açores e como não sou jornalista não estou habituado a folhear os velhos alfarábios para colher apontamentos de datas históricas ou de personalidades que se libertaram da lei da morte, em feitos jamais igualados. Limito-me apenas a narrar algo do pouco que tenho ouvido e a falar na beleza destas ilhas, que mais se destaca aos olhos do visitante, bem como a descrever, embora de forma muito resumida, a simpatia que noto por este bom povo açoreano, que procura proporcionar às pessoas estranhas um ambiente agradável e acolhedor, ofere-

cendo passeios aos lugares mais aprazíveis, ou aos meios onde decorrem os festejos regionais que são dignos da nossa admiração.

Logo que cheguei do Continente fui prestar serviço para a antiga Vila do Topo, situada no extremo leste da ilha de São Jorge, onde permaneci durante cinco meses. Lá adquiri simpatia por toda aquela boa gente que, apesar do seu isolamento, mostra viver alegre e com apego à terra que lhes serviu de berço. De todos trouxe gratas recordações que na minha mente perdurarão para sempre.

Mas de ilha para ilha o ambiente varia. Os usos e costumes não são iguais em todas as regiões, apesar de serem pequenas distâncias que separam estas ilhas umas das outras. Até às vezes existe uma certa rivalidade entre elas por causa do orgulho das gentes, o qual se baseia nas belezas naturais que variam de ilha para ilha, maneira de receber, celebração de festejos, etc.

Cada qual julga possuir melhor e eis a razão por que muitas vezes contestam o que só o estranho melhor pode distinguir e admirar. Mas, apesar de tudo isto, posso afirmar que todas elas são ilhas de sonho, onde a beleza se nota a cada instante.

Dizem que estas nove insulas são os pináculos da lendária Atlântida, que a Natureza transformou nestes minúsculos rincões que repousam à sombra da Bandeira da adorada Pátria Portuguesa.

Em próximo postal, procurei dizer mais.

De Rouças

Encontra-se no hospital de Viana, onde já foi operado, o sr. José da Vinha de Cima, o qual tinha caído dum valado abaixo. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

— Vindos de Luanda, chegaram há dias a Corças os nossos amigos, srs. Valdemar Soares, Esposa e filha Margarida que trouxe o seu carro. Desejamos-lhes umas boas férias.

— Uma nova Comissão de Festas de Santa Marinha que entre outros é composta pelo sr. Vicente Coelho e Mordomo, começaram a percorrer a freguesia. Todos devemos ajudá-los. — C.

De S. Paio

... Uma obra de grande necessidade nesta freguesia é a da construção de um novo cemitério, porque o que existe, desde a implantação da República, não está em condições de ser utilizado para tal fim.

... As urnas são metidas num lago e calcadas com pedras para não ficarem a boiar...

... E o povo assiste a este espectáculo desolador!!!

Se há entidades na freguesia, que fazem?

PROMOÇÃO

Armando Rodrigues Rego

Foi promovido a inspector da Direcção Geral de Segurança, o nosso ilustre conterrâneo e figura de muito relevo, sr. Armando Rodrigues Rego, que até esta data exercia as funções de sub-inspector da mesma corporação em Quelimane.

Este nosso amigo e conterrâneo, quando prestava serviço em Lisboa, acompanhou diversas vezes, em viagem, Suas Ex.^{as} os Senhores Presidente da República e Presidente do Conselho.

Ao Senhor inspector Rego, que agora, após a sua promoção, foi colocado na Delegação de Moçambique, desejamos as maiores facilidades do desempenho do seu espinhoso cargo, augurando-lhe a soma de felicidades a que tem jus.

Parabéns sr. Armando Rego.

De PENSO

23-5-70

Vida Religiosa — No passado dia 12, à noite, realizou-se, nesta freguesia, a procissão das velas, em honra de Nossa Senhora. Devido à chuva que caiu impiedosamente, foi o itinerário muito reduzido.

O bom Povo desta Aldeia, acompanhou-a, mui respeitosa e comovido.

Mês do Rosário — Este Ano o Rosário, tem sido rezado na Capela de Nossa Senhora da Cabeça, para que as crianças das Escolas a aproveitem, visto ser de manhã, e as escolas ficarem próximo: Apoiamos.

A nossa Igreja — Foi completamente renovada por fora a nossa Igreja. A colocação da Cruz na torre, foi uma bela ideia, pois quando está iluminada, dá um aspecto de grandeza e de beleza à nossa Aldeia; bem haja.

Visitas — Em viagem de rotina, o que faz várias vezes no Ano, esteve entre nós, o senhor Raúl da Rocha, importante Comerciante e Industrial, em Lisboa, e o maior proprietário desta freguesia. Acompanhava-o a sua esposa, D. Maria da Purificação Vilarinho Pereira da Rocha.

— No lugar do Pomar, esteve na companhia de sua esposa e filhos, o senhor José de Jesus, (Vinagre) mui digno Agente da Policia de Segurança Pública em Lisboa; desejamos que tenham tido boa viagem.

Falecimento — Em Caminha, onde há muito estava estabelecido com armazém de Mercaderias, faleceu o nosso conterrâneo, Francisco Constância Pereira, que deixa na maior dor, sua esposa, D. Maria das Dores de La Salette Pinheiro Sobral Pereira, seus filhos, António José Sobral Pereira e Maria Angela Sobral Pereira.

O extinto, que era filho de António Pereira e de Rosa Meleiro Pereira, já falecidos, deixa numerosa família em luto. Era irmão muito amigo, de Manuel Meleiro Pereira, Armazenista em Lisboa, António Pereira, armazenista em Caminha, Bernardino Pereira, Celestino Pereira, Joaquim Pereira, Carlos Pereira, todos no Comércio em Lisboa, e ainda das senhoras, Emilia Pereira em Penso, Ana

MAIS UM PRÊMIO GRANDE

vendido em 15-5-70 aos balcões da

CASA DA SORTE

6091 — 3.º PRÊMIO

240 CONTOS

PARA A GRANDE
LOTARIA DO SANTO ANTÓNIO

16 MILHÕES

Bilhetes a 800\$00 — Fracção mínima a 50\$00

À VENDA NA

CASA DA SORTE

A CASA DAS SORTES GRANDES...
A CASA DOS PRÊMIOS GRANDES

A Lotaria da CASA DA SORTE é vendida em Melgaço pelo sr. Miguel Henrique Gonçalves Pereira

Super - Mercado em Melgaço

Abriu ao público, na Rua Nova de Melo desta vila, um moderno estabelecimento, estilo super-mercado, com todas as condições de higiene, onde o público pode adquirir todos os géneros alimentícios, carnes, peixe congelado, Verduras, frutas, vinhos, queijo, conservas e etc..

Este estabelecimento, único no género na nossa terra, em muito, vem beneficiar o consumidor, pois as donas de casa ali encontram os principais géneros alimentícios.

É seu proprietário o nosso conterrâneo, sr. Abílio Augusto Afonso, a quem endereçamos os nossos parabéns, e nós louvamos a iniciativa, que veio engrandecer esta nossa terra.

P. R.

De PAÇOS

Casamento — Está para breve o de Margarida de Lourdes Alves, do lugar do Outeiro, com Henrique Bailão, assalariado da Alfândega do Porto. Os nossos parabéns.

Doente — Chegou doente de França, onde trabalhava, o sr. António Pires, do lugar de Sá. Felizmente já se encontra melhor.

Pereira Esteves, e Doutora Professora, Maria Manuela Pereira.

A toda a família enlutada, sentidas condolências.

O Tempo e a Agricultura — Depois da chuva que desde o dia quatro até ao dia quinze, nos regou bem todas as propriedades, sem nos causar danos, apenas atrasando os trabalhos, volta a ser quente e seco.

A vinha promete — Este Ano, todos os lavradores dão o máximo de atenção às videiras, pois quem tem de comprar vinho, paga-o a oito escudos o litro.

Por isso mesmo, a chover tudo se sulfatou. — C.

FUTEBOL

FRIESTENSE, 2
MELGACENSE, 4

No dia 17, do passado mês, deslocou-se a Friestas, concelho de Valença, a equipa de futebol do Sport Clube Melgacense, que foi derrotado pelo União Desportiva Friestense, e cujo encontro terminou com a vitória da nossa equipa por 4-2, com o resultado de 2-2 na primeira parte.

Arbitrou o sr. Rafael Rodrigues, de Ganfei-Valença.

As equipas alinharam da seguinte forma:

S. C. Melgacense: Abraão; Dantas, Raúl, Regueira e Reinales; Oliveira II (Nabeiro), e Zé Alberto; Fernando, Oliveira I, Teixeira e Albano.

U. D. Friestense: Vitor; Abel, Zé Augusto, Zé Henrique e Gomes; Policarpo e Leiria; Barreiros, Cunha, Ferreira e Chico.

Marçaram: Oliveira I (2), Teixeira, Fernando, Chico e Cunha.

Demonstrando mais capacidade atacante, os visitantes ganharam com merecimento, não obstante a tenacidade dos donos da casa.

Vitória justa da equipa Melgacense, que se mostrou mais perigosa na zona de remate.

Com uma actuação inferior, os locais foram surpreendidos pelo entusiasmo dos visitantes.

Jogo que despertou interesse e que veio a justificar-se no campo da luta. Vitória, ainda que contestada, da melhor equipa.

Arbitragem irregular.

P. R.

Falecimento

Faleceu no passado dia 13 de Maio, no lugar do Cerdedo, a sr.^a Maria da Conceição Esteves. Paz à sua alma.

Por falta de espaço, deixaremos para o próximo número a notícia mais pormenorizada.

De Parada do Monte

(Continuação da 6.a página)

sr.^a Rosa Esteves, esposa do sr. Armando Pires.

Para França — Partiram os srs. Ernesto Pires, Justino Afonso, Justino Pires, José Rodrigues e a sr.^a Olívia Esteves.

O tempo e a agricultura — Os nossos lavradores já acabaram de lavrar as suas terras. Após uma invernia terrível de água, frio e vento, voltou o maravilhoso bom tempo o que muito tem contribuído para a nascença do vinho e até dá gosto olhar para a vinha. — C.

A estrada florestal Pomares-Parada do Monte e a estrada municipal Parada-Gave

Um senhor, assolapado sob o hieroglífico B. S., publicou, há pouco, uma série de quatro artigos sobre a malfadada via florestal que ligará — quando? — à rede nacional, a freguesia de Parada do Monte.

A ligação da freguesia da Gave ficará assegurada por uma estrada camarária a partir de Parada do Monte. A feitura desta está condicionada pela abertura daquela.

Há verdades nos arrazoados do jornalista anónimo. Com os parabéns venho dar-lhe uma achega e uma pequena «chega».

As povoadas duas freguesias têm inegável direito ao melhoramento:

1.º — Porque é de «extrema necessidade», como muito bem o reconheceu, já em Setembro de 1966, a Direcção Geral de Urbanização; ora a «extrema necessidade» deve remediar-se quanto antes; foi reconhecida em Setembro de 1966 e já estamos em fins de Maio de 1970!

2.º — Porque há muitos lugares no concelho de Melgaço apenas com um centenar de habitantes, ligados por estrada, e, portanto, Parada e Gave, que são duas freguesias, deviam ser beneficiadas primeiramente, pois, aquela tem à volta de 1.200 e esta cerca de 900 habitantes.

3.º — Porque são as únicas no concelho que não gozam ainda do dito melhoramento, e, sem sombra de dúvida, as mais carecidas, pois, o acesso de que se servem até para cabras é péssimo.

4.º — Porque foi prometido, como se verá, que a estrada florestal estaria em Parada do Monte em 1966, e os Serviços do Estado, como os indivíduos, têm obrigação de cumprir o prometido. Ora já que não podem cumprir a promessa, porque o prazo terminou, ao menos que não demorem a conclusão da obra. Quanto maior for a demora, maior a falta cometida.

5.º — Porque a obra já foi iniciada, e já se gastou muito dinheiro.

Que produz esse capital «enterrado» numa obra «emperrada» há tanto tempo?

A estrada é útil, ou não? Se é útil, por que se não acaba?

Já terminaram outras iniciadas depois desta.

Se inútil, para que se gastou lá tanto dinheiro?

Há outras vias com prioridade?

Então para que se começou esta?

O motivo do «emperramento» deve procurar-se noutro lado, por exemplo divergências de critérios, e não em razões económicas. É a minha opinião.

6.º — Nas últimas eleições os povos de Parada e Gave mostraram que estavam ao lado do Governo; será demais pedir ao Governo que mostre que está ao lado deles realizando-o melhoramento, já reconhecido como de «extrema necessidade» em 1966, e pelo que tanto anseiam há tanto tempo?

Os povos queixam-se. Sentem-se diminuídos, vexados,

abandonados. Todos têm estrada, menos eles, e são os mais isolados.

Podem que não os considerem «bastardos» pois, são, também, filhos legítimos da Pátria. Não pedem demais: pedem aquilo a que têm inegável direito; pedem justiça. Quem pede justiça, não pede favores.

As obras, é certo, já começaram, mas, a máquina «emperrou» e continua «emperrada».

Apelamos para Lisboa, para o Governo. Lá olham para as necessidades das populações rurais. Lá, numa palavra, fazem justiça.

Ah! se soubessem em Lisboa o que vai daqui a Lisboa!

Senhor Ministro da Economia, Senhor Ministro das Obras Públicas, ponham de lado a «máquina emperrada» se não tem concerto e substituam-na por outra que ponha a obra em andamento e quanto antes.

Os povos de Parada e Gave, confiam no alto espírito de justiça e de bem servir de Vossas Excelências.

Eu também confio.

A quem caberá a responsabilidade da paralização dos trabalhos?

Não me pertence a resposta. Só pergunto: Terá a Câmara de Melgaço alguma culpa?

Terá sido, ao menos, negligente?

O sr. B. S. diz que «a Câmara tem coadjuvado, porém não com aquela operância (sic) e solicitude que tem usado noutros empreendimentos do mesmo género», em «Notícias de Melgaço» de 25 de Abril último.

Porquê a acusação de que a Câmara não tem coadjuvado com a mesma «operância e solicitude» usadas «noutros empreendimentos do mesmo género»?

Em que razões a motivará? Aceitáveis, nenhuma.

O sr. B. S. não conhece a «operância e solicitude» usadas pela Câmara «noutros empreendimentos do mesmo género», nem as diligências efectuadas sobre o assunto em epígrafe.

Como pode comparar quem desconhece os termos da comparação? Tirou uma conclusão sem conhecer as premissas.

Bonito serviço! O sr. B. S. «estatelou-se» inocentemente, assim o creio.

Vou indicar algumas das muitas diligências da Câmara de Melgaço sobre as estradas Pomares-Parada do Monte e Parada do Monte-Gave, para que, o sr. B. S., se é sério, como julgo, corrija a afirmação caluniosa.

1.º — Em 14 de Outubro de 1962 a Câmara remete um memorial ao Sr. Governador Civil. O Sr. Governador responde em 2-11-1962 e diz: «Os Serviços Florestais prestaram a seguinte informação: «... A ponte — referência à ponte sobre o rio Moura — levará ainda cerca de 2 anos até que esteja pronta, pois agora o estudo que está em causa e depois a construção não permitem andar mais depressa. De resto os Serviços Florestais têm

interesse na estrada mas estão condicionados pelas suas possibilidades orçamentais...».

Não se compreende o «grande interesse na estrada» dos Serviços Florestais.

Estamos em Junho de 1970 e nem a ponte está feita!!

2.º — Exposição dirigida pela Câmara ao Sr. Governador Civil em 13-3-1963.

— O Governo Civil responde em 4-4-1963.

Transcrevendo a seguinte informação da Circunscrição do Porto:

«... Cumpre-me informar que a estrada solicitada pela Câmara Municipal de Melgaço está a aguardar a conclusão do projecto da ponte sobre o rio Moura presentemente em trabalho de gabinete. Assim que o mesmo esteja aprovado, diligenciará esta Circunscrição promover a sua construção, imprimindo ritmo acelerado à obra. Não se descuidará a hipótese de ainda no ano corrente se iniciar a obra, partindo de Riba Moura, tal como nos é solicitado, mas, no entanto, não só dependerá da verba disponível como ainda da possibilidade do emprego de máquinas».

Apesar da promessa feita em Março de 1963 de imprimir à obra «ritmo acelerado» em Junho de 1970 nem sequer a ponte está executada!!

Se não há mudança de «ritmo» não chegamos ao fim!

3.º — Memorial enviado pela Câmara ao Sr. Ministro das Obras Públicas por intermédio do Governo Civil em 3-5-1963 e apreciado na visita a Melgaço de Sua Excelência em 15-2-1964.

Os representantes dos povos serranos de Parada e Gave sabem muito bem o que se ventilou nesta reunião de trabalho.

4.º — Exposição dirigida ao Sr. Ministro das Obras Públicas em 24-8-1965, por intermédio do Governador Civil.

Dizia o Presidente da Câmara:

«... Não contava certamente Vossa Excelência que eu viesse mais uma vez falar num assunto que Vossa Excelência considerou resolvido na visita que fez ao concelho em 15-2-64. Trata-se da estrada para as freguesias de Parada do Monte e Gave que tanto me tem preocupado, por reconhecer que é, em matéria de vias municipais, das maiores necessidades do concelho...»

— «Consultados os Serviços Florestais, informaram que os trabalhos daquela via iriam prosseguir dentro de dias, mas que, por dificuldades da construção da ponte, sobre o rio Moura, a referida via só atingiria Parada do Monte em fins de 1966. Na verdade os trabalhos foram reiniciados, mas executados uns escassos metros, pararam e continuaram parados. E não há esperanças absolutamente nenhuma daquela via servir Parada do Monte em fins de 1966, como foi prometido...»

5.º — Memorial enviado em 12-10-1965 ao ilustre deputado sr. dr. Araújo Novo.

Na carta que o acompanhou dizia o Presidente da Câmara, referindo-se às ditas estradas: «Eis, senhor doutor, o problema que mais me aflige presentemente e o de mais urgente solução...».

6.º — Em 18-11-1965 o jornalista de Viana do Castelo, sr. Severino Costa, publicou, por informações camarárias, um bem elaborado artigo sobre o assunto em o «Comércio do Porto».

— O Sr. Ministro das Obras Públicas pede, por intermédio da Direcção de Urbanização em 28-1-1966 que a Câmara se pronuncie sobre o artigo do referido jornal.

— O Presidente da Câmara, relativamente à estrada Pomares-Parada-Gave, disse:

«A estrada para estas duas freguesias é uma necessidade que não precisa de mais justificação. O articulista narra a verdade a este respeito. Este assunto já tem sido objecto de vários pedidos e exposições por parte da Câmara...».

7.º — Exposição dirigida ao Sr. Ministro das Obras Públicas em 3-3-1966 por meio do Governo Civil.

Dizia o Presidente da Câmara: «Em aditamento à minha exposição n.º 1617, de 24-8-1965 de que aguardo favor de uma resposta, permita-me que sobre o mesmo assunto — estrada para as freguesias de Parada do Monte-Gave — exponha e peça a Vossa Excelência o seguinte:

«Os Serviços Florestais, como já informei, continuam a apresentar dificuldades na execução daquela estrada que virá a servir aquelas duas freguesias. De tudo isto, e pelo conhecimento que temos de certas exposições e informações, esta obra parece ter perdido o interesse para os Serviços Florestais...»

... Em razão do exposto e com o fim de ver logo solucionada esta aflitiva situação, solicito a Vossa Excelência o obsequio de me informar se o Ministério a que Vossa Excelência preside poderá continuar esta obra já iniciada, no caso de o Ministério da Economia vir a desistir de executar a mesma. Em caso afirmativo será posto nestes termos o assunto a Sua Excelência o Ministro da Economia e comunicado, seguidamente, o resultado da diligência».

8.º — Pelo ofício n.º 2099, de 2-11-1966, da Urbanização foi transmitido que, por despacho do Subsecretário das Obras Públicas de 28-10-1967, se aconselhasse a Câmara a mandar elaborar o projecto da E. M. de Parada a Gave do troço compreendido entre a E. M. 202 (próximo de Lamas) a Parada, servindo os lugares de Travassos, Fiteira e Cortegada.

9.º — Exposição da Câmara a Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas em 26-11-66 a agradecer o interesse posto na resolução do problema da estrada Parada a Gave, contido no despacho de 28-10-66, em que se pede que Parada seja servida pelo troço da E. M. n.º 202 em Pomares por encurtar a distância em cerca de 14 quilómetros, e por ser esse o desejo das populações interessadas.

10.º — Em resposta a Câmara foi informada que o traçado a partir das proximidades de Lamas seria de manter enquanto não fosse construído o troço da E. N. 301 entre Gave

e Melgaço, e a ligação entre aquelas freguesias e a E. N. 202 em Pomares poderia ser estabelecida pelo caminho florestal já em construção pelos Serviços Florestais, entidade a quem ia ser oficiado, através do gabinete do Senhor Ministro das Obras Públicas, no sentido de abreviar a sua conclusão.

Aconselhava a Câmara a mandar elaborar o projecto da E. M. Parada-Gave e a diligenciar junto do Ministério da Economia pela rápida conclusão da florestal Pomares-Parada.

— A Câmara remeteu em 24-2-68 o projecto da E. M. de Parada a Gave com o pedido de comparticipação.

— E a Direcção-Geral dos Serviços Florestais por meio da Circunscrição do Porto informava a Câmara por ofício de 28-7-69 que a ponte deveria ser objecto de concurso público e teria início em 1970. O prazo terminaria em fins de 1970 ou em 1971, conforme as disponibilidades orçamentais.

Sr. B. S., as insistências da Câmara não denotarão «solicitude»?

11.º — Em 26 de Julho de 1969 foi entregue, no Governo Civil de Viana do Castelo, um Memorial, a Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas.

Dizia entre outras coisas: «... Solicitamos que junto de Sua Excelência o Ministro da Economia se diligencie no sentido de abreviar aquela abertura...», referindo-se à estrada florestal: «... Pedimos o obsequio do melhor interesse de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas para dar satisfação e tranquilizar aquelas populações abandonadas de todos os melhoramentos por falta de uma estrada...»

Sr. B. S. não haverá aqui, solicitude, por parte da Câmara?

12.º — Memorial entregue aos deputados do Circulo de Viana do Castelo, no Governo Civil, em 24-1-1970, sobre alguns dos mais prementes anseios: «Estrada de Parada a Gave. Duas freguesias sem qualquer via de comunicação».

Sr. B. S., não haverá solicitude, onde há «premente anseio»?

13.º — Em 21-4-1970 a Câmara informou o Sr. Director de Urbanização de Viana do Castelo, em ordem de prioridade que pretende que seja dada às Estradas e Caminhos Municipais:

«1.º — E. M. de Parada a Gave. São 2 freguesias sem qualquer via de comunicação, a 1.ª com 1.200 habitantes, a 2.ª com 900. A estrada até Parada é feita pelos Serviços Florestais, mas a sua construção tem tido atraso demasiado. Tanto a via florestal como a municipal estão previstas no Plano de Fomento em curso. Já foi enviado o projecto da E. M. com pedido de comparticipação...».

Há, ou não, solicitude nestas diligências, ó sr. B. S.? Olhe que nenhum melhoramento, dos muitos que estão realizados, exigiu tantos trabalhos, tantas diligências!

Mas a obra não está feita, objectará o sr. B. S.?

E verdade, porque a «operância» não pertence à Câmara mas aos Serviços Florestais e ao Governo.

Não confundamos. Alho não é sinónimo de bugalho.

A Câmara cumpriu: infor-

(Continua na pág. seguinte)

Câmara Municipal de Melgaço

(Conclusão do N.º 448)

XX

Electrificação:

Foram enviados para comparticipação os projectos de Rouças, S. Paio (parcial) e Fiães. Desta freguesia, falta o do ramal da alta tensão, mas já foi pedida a sua elaboração. Pediu-se ainda a elaboração dos projectos dos lugares em falta, nas freguesias já electrificadas, e estabeleceu-se a ordem para os das freguesias da Gave, Parada do Monte, Cossó, Cubalhão e Lamas de Mouro.

Em Castro Laboreiro apenas estão concluídos os trabalhos de electrificação das redes da Vila e Coriscadas, abrangendo, respectivamente, 7 e 10 lugares, faltando os da rede das Eiras, com 6 lugares.

O prazo de execução desta obra de electrificação já terminou em 29 de Novembro de 1968. Todos V. Ex.ªs sabem que estava primeiro que Chaviães. A Empresa, porém, não achou assim. A Câmara não cabe a culpa, pois pôs sempre ao corrente de tudo os respectivos Serviços do Estado. Chaviães foi electrificada antes de Castro, mas Chaviães também não tem culpa disso.

Como bem se compreende, não podia recusar a prioridade na execução dos trabalhos, que a Empresa lhe deu sem dar qualquer satisfação a ninguém.

Castro é que não se conformou. Vejamos a exposição do Reverendo Pároco e Junta daquela freguesia enviada à Câmara pouco tempo antes da ligação da luz a Chaviães:

Castro Laboreiro, 4 de Abril de 1969.

Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal de Melgaço.

Apresentando a V. Ex.ª os nossos respeitosos cumprimentos, vimos por este meio junto de V. Ex.ª a fim de lhe expor o seguinte: — Através da imprensa e outras informações tivemos conhecimento de que a electrificação da freguesia de Chaviães, Melgaço, estava já concluída e ia ser-lhe ligada a respectiva energia, praticamente antes de serem iniciados os trabalhos de electrificação de Castro Laboreiro, pois apenas foram construídos em dois anos dois postos de transformação nesta localidade em fins de 1968. Em virtude do compromisso por escrito por nós feito em 20 de Maio de 1965 de depositar à ordem dessa Câmara a quantia de 300.000\$00 não reembolsáveis, quando a electrificação desta freguesia fosse comparticipada, aquela Entidade, que V. Ex.ª tão dignamente chefia, deu a prioridade sobre todas as paróquias do concelho de Melgaço, devendo assim ser Castro Laboreiro electrificada a seguir a Cristóval. Afinal para que nos serviu o sacrifício exigido à população desta freguesia e que utilidade teve para esta região a prioridade que nos foi dada pela Câmara Municipal de Melgaço? Ficou apenas em promessa a exacta observância desta prioridade? Por várias vezes tanto no ano de 1967, como no de 1968 chamamos a atenção de V. Ex.ª para este facto, pois vimos com profunda mágoa gozadas as nossas esperanças, não respeitados os nossos direitos e inúteis todos os nossos pesados sacrifícios. E enquanto nós cumprimos com toda a prontidão tudo quanto se continha no citado compromisso, Chaviães que

havia perante V. Ex.ª feito equívalemente compromisso, nenhuma verba depositou, escarneando e até zombando de nós pelo facto de o havermos cumprido. Estará certa e será coerente com as regras mais rudimentares do direito e da justiça a atitude assumida pela Câmara Municipal de Melgaço para com a população de Castro Laboreiro que tantos sacrifícios fez para oferecer à Câmara em referência a verba de 300 000\$00? Confiámos sempre na Autoridade legitimamente constituída e nunca nos foi possível acreditar que a Câmara Municipal de Melgaço e a Direcção Geral de Electricidade consentiriam numa tal injustiça de a freguesia de Chaviães por não cumprir o seu compromisso, livremente assumido perante V. Ex.ª, se lhe dê um prémio: — A electrificação com prioridade sobre Castro Laboreiro; e esta paróquia que cumpriu, se lhe dê um castigo: — Ficar à espera da prometida electrificação, sabe Deus até quando, embora se sacrificasse com a considerável verba de 300 000\$00.

V. Ex.ª sempre nos prometeu que depois de Cristóval seria electrificada Castro Laboreiro e a seguir Chaviães, pois era assim a ordem das prioridades. Qual o motivo pelo qual tal não aconteceu? Se a culpa não é da Câmara, é necessário que V. Ex.ª esclareça a população desta freguesia que se sente profundamente descontente e revoltada para com as entidades responsáveis por esta inqualificável injustiça. Se a culpa é da Companhia electrificadora, pedimos a V. Ex.ª severas medidas para que factos desta natureza não se tornem possíveis, não permitindo que se faça já, mas somente após a ligação da de Castro Laboreiro, como nos foi prometido por V. Ex.ª e pela Direcção Geral de Electricidade, aceitando o nosso compromisso e obrigando-nos a depositar a verba de 300 000\$00 em referência. Nenhum prejuízo suportará Chaviães, por lhe não ser ligada a electricidade, pois não depositou verba de espécie alguma, nem tinha prioridade sobre Castro Laboreiro. Seria esta a única maneira de se provar que a prioridade de electrificação de Castro Laboreiro era respeitada pela Câmara de Melgaço e pela Companhia Electrificadora. Se esta ligação for levada a cabo contra todas as regras do direito, prevemos com profunda mágoa que este grande descontentamento venha a pesar na atitude dos eleitores desta freguesia nas próximas eleições de Outubro, o que é de lamentar. Vimos mais uma vez apelar para a esclarecida inteligência de V. Ex.ª a fim de que nos seja feita justiça, não concedendo mais prazos de prorrogações à Companhia do Coura para a electrificação de Castro Laboreiro e não seja feita a ligação de electricidade a Chaviães. Esperando os esclarecimentos da V. Ex.ª subscrevemo-nos com a máxima consideração de V. Ex.ª At.ºs Ven.ºs grat.ºs e Obs. a) Padre Aníbal Rodrigues. a) António Rodrigues. a) Manuel José Fernandes.

Esta exposição é bem clara. Como se vê, o Presidente da Câmara tinha de atender o pedido de Castro Laboreiro. E assim, a rede da iluminação pública de Chaviães esteve sem utilizar alguns meses. Só entrou em funcionamento mais tarde, e o que muitos não sabem é que foi o Presidente da Câmara, ape-

Maria Helena Ferreira do Paço Aniversário

No dia 30, P. P., festejou o seu aniversário natalício, a nossa coterrenea, menina Maria Helena Ferreira do Paço, filha do nosso assíduo correspondente e colaborador, sr. Alfredo Lourenço do Paço e da sr.ª D. Perpétua Ferreira do Paço.

Por tal feliz data, desejamos a aniversariante que esta se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

sar de tudo, que abriu o caminho para isso.

Aqueles dirigentes de Castro, reconhecendo que o povo de Chaviães não tinha culpa e que estas cabiam a outros, consentiram que o Presidente da Câmara mandasse ligar a luz. É esta a verdade, Senhores Vogais, e que alguns, não sei com que intenção, têm procurado desvirtuar.

Embora já fôsse tornado público, como foi deliberado na sessão do Conselho Municipal, de Setembro de 1968, com a publicação do «Eclarecimento», em jornal local, parece, contudo, ser necessário tratar ainda do caso neste relatório, ainda que muito sucintamente.

Efectivamente, os Senhores Amadeu Abílio Lopes e Manuel Ribeiro Coelho tomaram o compromisso com o Presidente da Câmara de entrarem com um subsídio, nos moldes do de Castro Laboreiro, para Chaviães poder ser electrificada após aquela freguesia. Não se exigiu qualquer documento, por se julgar que isso era com a Ex.ª Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos e ainda por se confiar nestas duas pessoas.

Logo que a obra foi comparticipada, a Câmara pediu a entrega daquela importância, e o Sr. Amadeu recusou-se, sem qualquer razão válida, a entregá-la. O Sr. Coelho declarou que, da sua parte, estava disposto a cumprir.

Ainda sobre a mesma deliberação e a respeito do boato posto a correr, saído da freguesia de Chaviães, de que o Presidente da Câmara teria assinado em Lisboa na presença do Rev. Padre Lima e Sr. Amadeu um documento que os desobrigava daquele pagamento, posso garantir, Senhores Vogais, que isso é falso. Apenas esclareci, a pedido do Chefe da Repartição de Fomento da Electrificação, a ordem que a Câmara pretendia que fôsse dada às comparticipações, sendo exarada no officio da Câmara n.º 1971 de 10-10-66, pelo punho do referido Chefe, e na presença de ambos — Srs. Amadeu e Padre Lima — a nota que se segue:

«Esteve aqui o Sr. Presidente da Câmara que esclareceu a ordem, que fica a seguinte: 1.º — Cristóval; 2.º — Castro Laboreiro; 3.º — Chaviães; e 4.º — Paderne».

(Encontra-se em arquivo o officio que transmitiu esta nota, pedida por mim para dar satisfação à citada deliberação).

Pedem V. Ex.ªs ter sido um pouco extenso neste assunto. Pareceu-me necessário esclarecê-lo convenientemente para as coisas serem postas no seu devido lugar e não poderem deturpar-se, como alguns querem ou quiseram.

Melgaço, 16 de Abril de 1970.

O Presidente,
Manuel José Rodrigues

A estrada florestal Pomares-Parada do Monte e a estrada municipal Parada-Gave

(Continuação da pág. 4)

«mou, insistiu, apoiou, coadjuvou e não é culpada na paralisação dos trabalhos».

Logo... a afirmação é caluniosa. Raiva ou distração? Julgo que por distração.

O sr. B. S. sabe qual é a «jóia de entrada» para membro do «rancho» a que um sr. Abade chamou «Movimento»? É dar uma «chanfaldada» na Câmara, ou, melhor, no Presidente. O sr. deu a «chanfaldada», mas como foi por distração...

Um pedido: Concretize os motivos do seu reparo, se ainda o mantém.

Um conselho: Como o anonimato, daqui por diante, é «opa» de covardia, não use «opas».

E como o silêncio é o «bu-

raco» onde se alapardam os covardes, não entre no «buraco».

Dialoguemos, se quiser, mas lealmente e com a cara descoberta.

1.º P. S. — Os povos de Parada e Gave são filhos legítimos da Pátria. Os bastardos não têm os mesmos direitos dos legítimos.

2.º P. S. — Estou autorizado a comunicar ao sr. B. S. que, se é sério e quer documentar-se, tem à sua disposição o arquivo da Câmara sobre o assunto em epígrafe, todos os dias úteis e às horas de expediente.

3.º P. S. — O sr. B. S. será o sr. P.º Bento Silva?!...

A. Rodrigues

ELECTRO LAR, L.ª

ESTABELECIMENTO DE ARTIGOS ELECTRO DOMÉSTICOS

RÁDIOS * TELEVISORES * FRIGORÍFICOS * MÁQUINAS DE COSINHA * MÁQUINAS DE LAVAR MÁQUINAS DE BARBEAR * FERROS DE ENGOMAR ASPIRADORES * GIRA-DISCOS * VENTILADORES PANELAS DE PRESSÃO * ETC.

AGENTES OFICIAIS:

PHILCO — A. E. G. TELEFUNKEN

e também AGENTE OFICIAL da famosa marca japonesa NATIONAL

Encarrega-se de instalações eléctricas, com orçamentos grátis

Em frente ao Hospital — Telef. 42231 — MELGAÇO

MELGACENSE!

SE VAIS A LISBOA ALMOÇA OU JANTA

no acreditado Restaurante "Snak-Bar," Tampico

Travessa da Queimada Bairro Alto — LISBOA

Proprietário o Melgacense: JOAQUIM CARDOSO, L.ª

Agência de Viagens "RUMO,"

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Combóio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

MANCOZAN

Pó mólhável micronizado e azul, ideal para as suas «sulfatações». Está dando, como de costume, os melhores resultados. Verifique qualquer vinha «sulfatada» com este produto, e tirará esta conclusão: defesa segura, contra o míldio e maior produção.

Agente distribuidor:

Miguel H. G. Pereira

Rua da Calçada Telef. 42212 MELGAÇO

Problemas da Lavoura Minhota

(Continuação da 1.ª pág.)

o outro, a crescer a outros possíveis problemas que o meio físico determina numa região moldada pela tenacidade e trabalho sacrificado haveria a mais a dificuldade terrível do amanho e cultura da vinha.

Mas não tenho o direito de me alongar mais na enunciação deste problema que contudo para além de técnico e económico é também político e deve ser apontado neste lugar.

Por efeito da legislação existente e em pleno acatamento dessa legislação, a reconversão agrícola basilar a fazer no Entre Douro e Minho nunca se pôde realizar. Não se fez quando isso ainda era possível sem enormes sobressaltos e prejuízos. Irá fazer-se agora? — Como? Em que circunstâncias numa região de agricultura descapitalizada em que a mão de obra deixou de ser o factor abundante e altamente produtivo para estar reduzida, de uma forma assustadora, em quantidade e qualidade, justamente nesta fase de transição?

Não quero alarmar os agricultores do meu círculo, mas tenho obrigação de ser sincero e receio quanto ao futuro.

A Administração sabe que através de medidas que deveria ter tomado e não tomou, poderia em tempo, mesmo admitindo que atrasado, ter conduzido a difficilissima agricultura minhota por bem melhores caminhos, facilitando e dando sentido áquelas palavras mágicas que são emparcelamento, agricultura de grupo, associações, produção em comum e criando condições para que elas sejam mais do que ilusões a juntar a tantas outras!

Mas eu quero ardentemente ter esperança e confiança nos competíssimos técnicos agrários minhotos que lá, ou em altas posições de orientação e coordenação, podem ser a equipe impulsadora do progresso agrícola da minha região e da mentalização, a todos os níveis, dos espíritos menos predispostos para aceitar a realidade dos dolorosos factos actuais, encaminhando o futuro. E tenho a mesma esperança e confiança nos lavradores, na sua vontade e na sua coragem.

Ao Senhor Secretário de Estado da Agricultura, técnico ilustre e também homem do minifúndio, eu apelo no sentido de atender bem á realidade completa do Entre Douro e Minho e promover uma acção concertada em que os ver-

dadeiros valores da região sejam aproveitados, como é mister, em todas as suas potencialidades.

Para o Senhor Ministro da Economia, distinto homem público, coordenador esclarecido, outro apelo veemente no sentido de que os problemas do Noroeste, desde a produção ao comércio, sejam vistos em toda a sua projecção e implicações regionais e nacionais, nomeadamente os que se referem ao condicionamento da cultura da vinha e região demarcada dos vinhos verdes, pois eles integram um património que tem de ser acautelado.

O Santo da Quinzena

(Continuação da 1.ª página)

entregava a Deus e á Sua divina Mãe.

Mais tarde, pedida em casamento por Clovis I, rei de França, deu o seu consentimento só depois de muito rezar e ainda assim com a condição de o rei pagão deixar-lhe toda a liberdade em praticar a religião cristã. Clovis deu sua palavra de honra de respeitar a religião de Clotilde e assim contrairam núpcias em 493.

O único desejo de Clotilde era ver a conversão do rei seu esposo e do povo, ao catolicismo. No palácio instalou-se uma capela riquíssima e organizou o culto de modo mais esplendoroso. De pontualidade rigorosa no cumprimento dos deveres religiosos, levava uma vida de penitência e de caridade. Deste modo não deixou de ser respeitada pelos súbditos pagãos, mas ainda conseguiu que o rei perdesse os seus preconceitos contra a religião cristã e se sentisse feliz em possuir uma esposa tão virtuosa.

Clovis embora não inacessível de todo aos rogos da esposa, não se animava a abandonar as superstições do paganismo e também receava cair no desagrado do povo, se abraçasse a nova religião. Não obstante, consentiu que o primeiro filho fosse baptizado com toda a solenidade.

Aprouve a Deus sujeitar a fiel serva a provação duríssima. O filhinho morreu poucos dias depois de baptizado. Clovis exasperou-se e, invocando a esposa, atribuiu-lhe a perda do primogénito. Indescritível era a dor do rei, e o coração encheu-se-lhe de rancor contra a esposa, á qual levantou as mais duras acusações. «Vejo — disse — na morte de meu filho, a ira dos deuses que, irritados com o baptismo cristão, assim se vingaram». (Ele pensava que a causa da morte do menino eram seus deuses por ter feito a vontade a sua esposa, baptizando-o na religião católica). Clotilde, com mansidão respondeu: «Não menos motivo tenho eu de chorar a morte da criança; mas dou graças a Deus que se dignou de me dar um filho, para recolhê-lo logo ao seu reino. Que bela resposta, digna de uma mãe cristã! Não desanimando, continuou a preparar o espirito de Clovis, para que recebesse a graça do Cristianismo. Quando deu á luz segundo filho, conseguiu que

AO ESCOLHER O SEU BANCO

SEJA EXIGENTE



SE NOS ESCOLHER E NÓS
O TIVERMOS COMO CLIENTE,
PODE SER TAMBÉM
EXIGENTE CONNOSCO

BANCO DA AGRICULTURA

LISBOA

PORTO

POSTO DE CÂMBIOS EM MELGAÇO:

Na Agência de Viagens «RUMO» — Telef. 42442

FILIFE DE FREITAS

(Continuação da 1.ª página)

de me ajudar neste aspecto. Confio neles e tenho muita fé em DEUS, de que este meu velho sonho, será agora mais do que nunca realizado.

P. — Qual é o seu género de fado? Deste seu disco posto á venda no passado dia 1, gravado para a marca «RODA», os seus fados têm algumas características especiais?

R. — O meu género de fado é o castiço. Os meus fados, tem na realidade algo de muito especial e que eu descreverei. O primeiro fado tem por título *Mensagem ao Emigrante*. Quis com estes versos homenagear essa camada de jovens que por essas terras fora trabalham, no seu engrandecimento pessoal e no engrandecimento da sua terra.

fosse baptizado. Aconteceu, porém, que este adoecesse gravemente, depois da recepção do Sacramento. Para Clovis, já não havia mais dúvida que era o Sacramento cristão o causador da morte do primeiro e da doença do segundo, e rompia em blasfémias e insultos contra a esposa. Esta, pegando no filhinho nos braços, e de joelhos ante o crucifixo, ofereceu a inocência do menino pela conversão do pai. Deus recompensou essa humildade e caridade com a repentina cura do menino.

A alérgia e o pasmo de Clovis, ao ver o filho são e salvo, eram indiscutíveis. Mais tarde converteu-se ao cristianismo.

Irmã Maria dos Anjos

Devo dizer, que em França há rapazes de quem sou amigo, tendo até alguns sido meus companheiros de escola. Depois tenho outro fado com o título de *Eterna Gratidão*, que de todo o meu coração ofereço a essas duas figuras que para mim são sagradas: Pai e Mãe. O terceiro fado, com o título *Terra Lusitana*, é uma manifestação do meu Portuguesismo, um resumo da nossa História, pondo em destaque o nosso Bravo Povo Português e que eu dedico aos nossos valerosos soldados, que tão alto têm sabido arguer o nome de Portugal. E por último *Eu, tu e a Saudade*, um fado baseado numa história de amor sempre do agrado dos mais jovens. E são estes os fados que incluí neste meu disco, e que considero, modestia á parte, excepcional, quer na parte musical, quer técnica-mente.

P. — Agora que a entrevista está a chegar ao fim, o Filife quer dar-nos a sua direcção, para o caso de os seus conterrâneos, lhe quiserem escrever, solicitando, como é natural, a sua fotografia autografada? Quer dizer mais alguma coisa?

R. — Claro que tenho todo o gosto em dar a minha morada aos meus conterrâneos e bons amigos: Resido na Rua D. Francisco de Almeida, 9-3.º Esq. — Damalá. Será, pois, com todo o prazer que eu responderei a todos quanto me escreverem, e lhes oferecerei, se isso solicitarem, a minha foto. Quero também agradecer o carinho e os incitamentos que tenho recebido por parte de alguns conterrâneos amigos, e aproveito a oportunidade para agradecer penhoradamente, ao

jornal «A Voz de Melgaço», ao seu Ilustre Director Reverendo Padre Júlio Vaz e ao seu correspondente em Melgaço o ensejo que me deram de falar com os Melgacenses, e desejar a todos muitas felicidades e que DEUS vos ajude. Bem hajam.

Alfredo Lourenço do Paço

De Parada do Monte

Maior, 25

Mês de Maria — Tem decorrido o Mês de Maria com bastante afluência de fieis.

Estrada — Sempre principiaram os trabalhos da estrada. Oxalá que continuem, e que não haja interrupção, como é ano passado.

Gaiteros de Parada do Monte — Está reorganizado este conjunto musical, que nos últimos tempos tem andado a ensaiar, estando prontos a sair para as festas que os chamem. Trata em Remoães o sr. Justino Vieites Machado e nesta freguesia o sr. Oliveiros de Carvalho.

Nascimentos — Deu á luz uma criança do sexo feminino a sr. Glória Pereira, esposa de Noé Esteves, do lugar de Cortegada.

— Também deu á luz uma criança do sexo feminino a sr. Lealdina Esteves, esposa do sr. Manuel Esteves.

— Também deu á luz uma criança do sexo masculino a

(Continua na 3.ª página)

Por Santa Rita

(Continuação da 1.ª página)

Vimos aquiromeiros da Espanha, de Tangil, Ribá do Mouro, Ceivães, Bela, etc., etc.

E, no altar, cinco Sacerdotes da mesma família. O Cônego Luís Vaz cantou a santa missa, o P.º Júlio pregou, o Dr. Carlos Nuno e seu irmão, P.º João, acolitaram. E este vosso criado, P.º Carlos Vaz.

Pois vamos continuar a trabalhar. E todos.

Padre CARLOS